

# ÂNGEL CRESPO, TRADUTOR DE GUIMARÃES ROSA

*Elza Miné\**

## RESUMO

A comunicação visa a apresentar elementos que interessam à história da tradução da obra rosiana. Trata-se de focalizar as traduções para o castelhano realizadas por Ângel Crespo, bem como fornecer dados que testemunham o diálogo estabelecido entre os dois escritores, tendo por base a correspondência inédita entre Ângel Crespo e Guimarães Rosa (conservada no Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo), um longo depoimento da viúva do poeta e tradutor espanhol, Pilar Gómez Bedate (sobre a viagem que ambos realizaram ao Brasil em 1965), além de trecho do diário inédito de Crespo que ela também nos facultou.

*La traducción es como um espejo; si es imposible que refleje el lirio original, muestre por lo menos, una rosa perfecta. Siempre se reputará por milagro.*

Sirvam-nos de epígrafe essas palavras retiradas de um livro de aforismos de 1978, de Ângel Crespo, e citados por sua mulher e parceira intelectual Pilar Gómez Bedate, no belo e emocionado depoimento que nos enviou, em novembro de 1997, depoimento este que, como a autora tem o cuidado de esclarecer, não se voltaria para os resultados da tradução de **Grande sertão: veredas**, nem para “ninguna de las cosas que puedan caer dentro de cuestiones académicas o críticas” mas em que haveria de falar apenas das recordações “de aquella experiencia singular que fue la relación entre Guimarães Rosa y Ângel” em que lhe coubera também uma parte. A crítica sutil e competente e a professora renomada cedem pois lugar à escritora de grande qualidade que, colocando-se deliberadamente como testemunha/participante, logo de início nos informa:

---

\* Universidade de São Paulo.

*En 1963, João Guimarães Rosa tenía cincuenta y cinco años y Ángel Crespo treinta y siete. Yo me había incorporado a la redacción de la **Revista de Cultura Brasileña** en el mismo número 7. Y desde antes, desde que nos conocimos, a principios de 1961, Ángel y yo (que era diez años más joven que él) “namorábamos”. Uno de los lazos que habían consolidado nuestro “namoro” fue el trabajo común en la literatura brasileña al que Ángel me arrastró con el entusiasmo con que arrastraba a todos sus amigos a los estudios a que se arrojaba con pasión. He seguido, pues, muy de cerca, el discurrir de sus relaciones con la obra de Guimarães Rosa, y con Guimarães mismo, y siempre he pensado que tenía que escribir sobre ello. Al menos, sobre lo que está a mi alcance, que es el recuerdo, ya que la correspondencia que Ángel mantuvo con Guimarães durante el tiempo en que estuvo traduciendo **Grande sertão: veredas** no la tengo a mi disposición (...)*

A esta correspondência, contudo, tivemos nós acesso no Arquivo Guimarães Rosa (pasta CT 5) do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. E será articulando as informações nela contidas, àquelas que a consulta à coleção da **Revista de Cultura Brasileña** dos anos em que Ángel Crespo a dirigiu e às que o referido depoimento de sua viúva nos fornecem é que procuraremos trazer uma primeira contribuição para a história da tradução da obra roseana para o castelhano, dando ainda a conhecer uma página do diário inédito de seu Tradutor.

#### **A REVISTA DE LITERATURA BRASILEÑA**

Publicada pela Embaixada do Brasil em Madrid (Serviço de Propaganda e Expansão Comercial) aparece pela primeira vez em junho de 1962 com o intuito, consignado em seu editorial de apresentação, de colocar ao alcance dos estudiosos espanhóis “un compendio, o quizá reflejo, del acontecer cultural brasileño” e em que figurassem ao lado das produções literárias e artísticas brasileiras, o juízo que delas faziam escritores espanhóis para que assim funcionasse como uma espécie de guia para os leitores. A “devoção pelo estudo da nossa cultura e a reflexiva juventude” do poeta e crítico Ángel Crespo são apresentadas como garantia e esperança do êxito da publicação. Garantia que efetivamente se concretiza nos 30 números que se publicam sob sua direção, de 1962 a 1970.<sup>1</sup>

Para além de sua ajustada orientação e escolha de colaborações na qualidade de editor, acompanhando-se especificamente aquelas que são de sua responsabilidade exclusiva, ou em colaboração com Dámaso Alonso ou Pilar Gómez Bedate, vemos que as suas contribuições são tributárias de suas atividades de crítico, de tradutor e de poeta. Se no primeiro número, além da tradução de seis poemas de “Serial” de João Cabral de Melo Neto, encarrega-se ainda das traduções dos artigos de

<sup>1</sup> Da coleção da **Revista de Cultura Brasileña** a que conseguimos ter acesso, faltavam quatro dos 30 números publicados sob a responsabilidade de Ángel Crespo. Possíveis omissões de referência a colaborações suas na citada revista devem-se, portanto, a este fato.

Gilberto Freire, José Guilherme Merquior e Otto Lara Resende dele constantes, nos demais números, além de artigos sobre as gravuras populares do Nordeste do Brasil e sobre Mário Faustino, realiza em colaboração com Pilar G. Bedate ensaios sobre a situação da poesia concreta, sobre a revista mineira **Tendência**, sobre a poesia Práxis, sobre Nélide Piñon. Encontramos ainda, em colaboração com Dámaso Alonso, traduções de Cecília Meireles, Cassiano Ricardo, Vinícius de Moraes, Augusto Frederico Schmidt e, de sua integral responsabilidade, traduções de Joaquim Cardoso, Raul Bopp, Henriqueta Lisboa, além de uma antologia breve do parnasianismo, do poema em prosa, dos poemas simbolistas e dos poemas românticos brasileiros, atestando, portanto, um contacto amplo com textos diversificados da nossa literatura.

Mas será no número 7, de 1963, que aparecerá sua primeira tradução da obra de Guimarães Rosa: “O cavalo que bebia cerveja”, que havia saído no suplemento literário de **O Globo** de 8/7/61, e que Crespo faz anteceder de um breve estudo crítico sobre o autor, em que, referindo-se ao **Grande sertão**, chama a atenção para a sua originalidade de “propor as eternas perguntas do homem, mas no sertão”; para o seu “sentido poético”; para a sua “particularíssima linguagem que o faz praticamente intraduzível”.

Mas Àngel Crespo já então esclarece como, desde este seu primeiro trabalho com Guimarães Rosa procurou superar as dificuldades, ou seja, “pelo estudo e pela intuição”, ajuntando: “me he dado cuenta, durante mi trabajo, de que, igual que ocurre con la traducción de la poesía, no basta el simple razonamiento para trasladar a otra lengua lo que ha nacido a un tiempo de aquél y de la intuición”.

Quatro anos depois, sairá o número 21, de junho de 67, da **Revista de Cultura Brasileña**, número extraordinário, de 92 páginas, cuidadosamente ilustrado, todo ele dedicado a Guimarães Rosa. Como se lê na apresentação, a publicação se propõe a ser “lo que realmente es: una introducción a la obra de Guimarães Rosa y un estímulo a su comprensión y estudio en los medios hispanoablantes”. É para esse número, publicado na ocasião em que na Espanha se lançava a tradução do **Grande sertão**, que Àngel Crespo seleciona e traduz: “La ceguera” – fragmento do conto “São Marcos” de Sagarana; “Cara-de-Bronce” – do conto “Cara-de-Bronze” de **Corpo de Baile**; “El juicio de Zé Bebelo” – fragmento de **Grande sertão: veredas**; “Los hermanos Dagobé” e “Ninguno, ninguna” – contos de **Primeiras estórias**.

A presença desses dois contos de **Primeiras estórias** na seleção apresentada nos remete a dados contidos na correspondência entre Guimarães e Crespo relativos ao desejo deste de traduzir também essa obra que, contudo, já tinha sido “apalavrada” com a tradutora argentina Susana Fagnani Wey. Quando Rosa chega a acenar, diplomaticamente, com uma solução de compromisso, a resposta do poeta espanhol é clara e definitiva: “no es trabajo que pueda hacerse en colaboración con una persona que reside en la Argentina (...) por otra parte, incluso por él lenguaje, desentonarian unas traducciones al lado de las otras, en el caso de que unos cuentos fuesen traducidos por ella y otros por mí”. E chega a sugerir que ela seguisse seu trabalho

em seu próprio ritmo, que ele traduziria o livro integralmente e o entregaria à editora “este mesmo ano”. Isto passava-se em fevereiro de 66, dia 16, ao tempo em que já andava muito adiantado o **Grande sertão**.

Na verdade, Susana Wey é quem acaba por ser a tradutora do volume **Primeiras estórias**.<sup>2</sup> Mas Ângel Crespo, anos mais tarde ainda não se esquecera e assinala, em página de seu diário inédito, que nos foi facultada por sua viúva:

*20 de fevereiro [1983]*

*Hoy he empezado a traducir **Sagarana** de Guimarães Rosa. Admirable prosa la de este gran poeta, el más grande escritor de América, con el que sólo es comparable Rubén Darío – el mejor Rubén Darío!*

*Hago la traducción, a pesar de la incomprensible grosería mejicana en el asunto de la antología de Cabral de Melo, e a pesar de que esta traducción es para una editorial venezolana, por varias razones. La primera, en recuerdo de mi amistad con Guimarães Rosa; la segunda, porque no quiero que este libro caiga en tan malas y ridículas manos como cayó **Primeiras estórias**; la tercera porque disfruto traduciendo una prosa tan llena de imaginación, de buen gusto, de riqueza de lengua; la cuarta, porque, al hacerlo, me parece estar hablando con João, en Rio de Janeiro, en el Itamaraty y discutiendo con él esta traducción, como hablamos de las 29 primeras páginas, traducidas por mí, de **Grande sertão: veredas** – que ya va por la tercera edición de mi versión – y no quiso leer más porque todo le pareció perfecto, y así lo proclamó, una vez leído – ya publicado – todo mi trabajo. Hasta declaró que su gran novela quedaba mejor en español que en portugués brasileño. Cosa a la que de ninguna manera estaba obligado. Cómo, pues, no traducir cuanto me sea posible de sua obra? Por eso quiso Pilar traducir su **Manolón y Miguelín**, de **Corpo de baile**, para Alfaguara. También supo João ser muy buen amigo de Pilar.*

Anote-se que o projeto de Crespo para **Sagarana** nunca se concretizou.

#### A TRADUÇÃO DE **GRANDE SERTÃO: VEREDAS**

É em 1964, fevereiro, que encontramos os primeiros traços documentais para a história dessa tradução. O primeiro deles, constante do Arquivo Guimarães Rosa, é uma carta de João Cabral de Melo Neto, datada de 26 de fevereiro desse ano, proveniente de Genebra, em que se lê:

*(...) como ando muito incapaz de carta, faço logo este bilhete para falar do possível tradutor de seu romance. Sei que se deixo o assunto para depois ele corre o risco de ficar para nunca.*

<sup>2</sup> Em carta de Guimarães de 5/9/1966 lemos em PS: “Infelizmente, a respeito do **Primeiras estórias**, a sra. Wey já tinha praticamente traduzido o livrinho inteiro, e veio do México até aqui, para mostrar-me a tradução. Vou, já, escrever sobre isso à Seix Barral – inclusive propondo-lhes o **Corpo de baile**, para Ângel Crespo traduzir. E, depois, estou terminando outro livrinho de estórias, também para Você. Não me abandone.”

*Em Barcelona, v. tem o Rafael Santos Torroela, tradutor ótimo de poemas brasileiros. Mas creio que Rafael anda muito ocupado agora, não sei. Em todo caso, seu editor pode consultá-lo.*

*Em Madrid há o Àngel Crespo, poeta e tradutor de poetas. O Crespo teria a vantagem de uma maior familiaridade com sua obra. Emprestei-lhe (sem ter devolução) algum livro seu e muito falamos sobre v. e seus livros. Creio mesmo que o Àngel Crespo tem em preparo um estudo sobre v.*

*Melhores que estes dois não há na Espanha, atualmente. Talvez na América Latina, onde, penso, prevalece uma visão menos acadêmica de literatura. Na Espanha, fora desses dois, uma tradução de sua obra pode trazer desgosto para v. (...) [no verso, encontram-se os endereços de ambos os tradutores]*

Em 11 de maio desse mesmo ano de 1964, quando Crespo e Pilar Gómez Bedate pedem a colaboração de Guimarães Rosa para a sua **Revista de Cultura Brasileira** — é esta a primeira cópia de carta de Guimarães Rosa a esses destinatários constante do Arquivo<sup>3</sup> — Rosa responde:

*(...) E peço-lhes, muito, crerem, por todos os motivos, sincero e grande o desejo meu de atendê-los, honrando-me em partilhar de tão viva publicação. Entretanto, infelizmente, vejo-me impedido de corresponder ao desvanecedor convite. Direi menos das dificuldades de tempo, saúde, sobrecarga de tarefas de várias espécies — que, estas, se sós, teria eu o melhor gosto e boa-vontade de procurar superar, em favor de iniciativa que merece e vale a pena. Outra, porém, mais funda, forte e incontornável, a razão que me obriga a omitir-me: a autêntica incapacidade de realizar agora um trabalho no gênero, seja de síntese, seja mesmo de tomada de isolados aspectos ou aspecto. Velha, quase incurável, de fato, é a minha incompetência crítica, sempre foi. Pior, porém, é que, mergulhado, de há muito, no poço e galerias “subterrâneas” de ficcionista em árduo esforço, sinto-me, talvez temporariamente, muito “desligado”, ignorante e desinformado, sem olho nem mão nem jeito para tentar a façanha. Deploro-o, de verdade, acreditem. Mas sei que nem estou de jeito de querer pensar em experimentar. Você, Àngel Crespo — poeta, admirável tradutor de poetas (e, ainda há pouco, com nosso comum amigo João Cabral de Melo Neto, em cartas, falávamos a seu respeito) — facilmente compreenderá como a gente atravessa fases assim. Pilar Gomez Bedate, também, não menos. (...)*

Em agosto, 25, já Guimarães Rosa confirma que indicara o nome de Àngel Crespo para a Editorial Seix-Barral, ajuntando: “Sempre pensei que o **Grande sertão: veredas** ficaria melhor traduzido para o espanhol — língua toda de força, garbo e rompanete. Se feita por você, então, terei perfeita satisfação e confiança (...)”

Pela carta de Àngel Crespo de 2 de dezembro, sempre de 1964, já podemos saber da concordância da Seix-Barral, da reação do tradutor, das primeiras providências que toma para a realização da tarefa, ao mesmo tempo que anuncia sua viagem ao Rio dentro de quatro ou cinco meses:

<sup>3</sup> Cartas de Àngel Crespo a Guimarães Rosa: 16/8/1964; 25/9/1964; 2/12/1964; 31/12/1964; 4/12/1965; 16/2/1966; 18/8/1966. Cartas de A. C. e Pilar Gomes Bedate a G. R.: 30/4/1964 e 19/9/1965.

Cartas de Guimarães Rosa (cópias datiloscritas) a Àngel Crespo: 25/8/1964; 9/12/1964; 14/12/1964; 16/2/1965; 27/1/1966; 8/3/1966; 5/9/1966; 21/2/1967. Carta de G. R. a A. C. e P. G. B.: 11/3/1964. Carta de G. R. a P. G. B.: 5/9/1966.

(...) *Por fin, los editores me han telefonado y pedido que les traduzca **Grande sertão: veredas**. Hemos llegado a un acuerdo y estoy esperando el contrato para firmarlo. Así es que estoy muy contento y muy asustado, pues traducir su extraordinario libro es un trabajo que va a poner a prueba todos mis recursos de brasileñista, poeta y padre de familia. En fin, Dios o el Quem Diga proveerán. Me da mucha confianza que usted y yo vayamos a vernos en el Brasil dentro de cuatro o cinco meses. Así podremos corregir lo ya traducido y espero terminar el resto en Río. Como quiero empezar a hacer las cosas lo mejor posible, desearía pedirle ayuda. Esta consistiría en lo siguiente: 1º, que me envíe usted cuanto le sea posible de cuanto se haya escrito sobre su obra; 2º, que me envíe usted cuanto le sea posible de cuanto pueda aclararme determinados aspectos léxicos de su obra (diccionarios o gramáticas con regionalismos y estudios sobre el dialecto de Minas que me dejen ver en la frondosidad maravillosa de su prosa); 3º, que no le parezca mal que al final de cada mês le envíe copia de lo ya traducido con elenco de mis dudas y esperando sus aprobaciones y correcciones respecto al todo y a los detalles consultados o no. (...)*

No dia 9 de dezembro, portanto praticamente pela volta do correio, Guimarães Rosa logo lhe diz:

(...)

I) *Vou remeter-lhe, com prazer, quanta coisa tenha, sobre meus livros, capaz de lhe ser útil. Já, aqui, vai algo.*

II) *Quanto a dicionários e gramáticas com regionalismos, já é mais sem solução este item. Eu mesmo não conheço nada, aqui, no gênero, que valha a pena. Estou certo de que aí na Embaixada terão o **Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa** (o revisto por Aurélio Buarque de Holanda Ferreira). E é o mais útil. Mas, como você logo verá, e o trabalho do Cavalcanti Proença, incluso, lhe explicará mais de “compreensão” poética do que lexicologia.*

III) *Quanto às dúvidas, especiais, estou pronto a responder às suas consultas. Sempre que possível, porém, ajunte logo à consulta **as suas** soluções ou interpretações, ainda que com alternativas. Isto me facilita, muito. Em geral, estou muito sobrecarregado de trabalhos e compromissos, quase sem dispor de tempo, e com pouca saúde, infelizmente.*

IV) *Até agora, já saíram do **Grande sertão: veredas** as edições: em inglês (*The devil to pay in the backlands*, pela editora Alfred Knopf Inc., New York, 1963) e em alemão (**Grande sertão**, editora Kiepenheuer & Witsch, Colônia, 1964). A norte-americana é regular. A alemã é muito boa. Você lê esses idiomas? Você pode pedir a Seix Barral que obtenha, facilmente, exemplares; os editores alemão e norte-americano mandarão, com prazer. (...)*

V) *Quanto a remeter-me ao fim de cada mês as partes traduzidas, acho que podemos experimentar. Isto é, mande-me as primeiras vinte páginas, por exemplo. O resto, talvez, possamos deixar para a ocasião de sua vinda ao Brasil. Em regra, gosto mais de ver o livro já pronto, o que é sempre um prazer, para o autor, e dos maiores.*

*Disse-me o tradutor alemão, que traduziu já o “Grande sertão: veredas” e o “Corpo de Baile”, que achou muito mais fácil verter o primeiro que o segundo: por se tratar de um só e grande monólogo, que, uma vez a gente nele penetrando, pega, de uma vez, o ritmo e o tom, o resto fluindo sem cessar. (...)*

PS. Aqui vão:

1. **Trilhas no Grande sertão**, por M. Cavalcanti Proença;
2. **Guimarães Rosa não é escritor regionalista**, por Adolfo Casais Monteiro;
3. **O erudito e o popular em Grande sertão: veredas**, por Adolfo Casais Monteiro;
4. **Estudos sobre Guimarães Rosa**, por Franklin de Oliveira.

Cinco dias depois (14/12/64), segue o complemento da lista, como apêndice à carta anterior:

(...)

5. 'João Guimarães Rosa', por Ramon de la Hoz;
6. 'Veredas no Grande sertão' Bernardo Gersen;
7. 'Um mundo em estado virgem', por Günter Lorenz;
8. 'O transrealismo de G. R.', por Tristão de Athayde;
9. 'Guimarães Rosa – cineasta', por Oswaldino Marques;
10. 'J. G. R. – G. S: V' – por Múcio Leão;
11. 'Três depoimentos s. G. R.' – por Cecília Prada;
12. 'A linguagem de Iauaretê', por Haroldo de Campos;
13. 'Um romance e sua dialética', por Eduardo Portella;
14. 'Guimarães Rosa e tradução', por Benedito Nunes;
15. 'Preciosismo no sertão', por Adolfo Casais Monteiro;
16. 'Segredos do alto sertão', por Adolfo Casais Monteiro;
17. 'Substância de Guimarães Rosa', Sebastião Uchoa Leite;
18. 'Grande sertão em curso', por Roberto Schwarz;
19. 'Satã nas letras (V)', por Tristão de Athayde;
20. 'À busca da poesia', por Pedro Xisto;
21. 'João Guimarães Rosa y la alegría', por Xavier Domingo.
22. (Os n<sup>os</sup>. 10, 11, 12, 13, e 14 e 8, pediria que você os marcasse, à parte, para, mais tarde, mos restituir. Os outros, você poderá ficar com eles, são 'duplicatas').
23. Estou cada vez mais entusiasmado, com a tradução italiana do 'Corpo de Baile', lançado agora pela Feltrinelli Editore, de Milão. É 'fabulosa'! Você não deve deixar de vê-la, se lê italiano.

A partir desses primeiros passos, de 1964, podemos seguir, pela correspondência, o andamento do trabalho. E um ano depois, em dezembro de 65, já lemos em carta de Àngel Crespo a Guimarães Rosa:

*(...) Llevo ya más de dos terceras partes y espero entregar el original a la Editorial a primeros de enero. Estoy contentísimo de este trabajo pues la obra resulta, en castellano casi tan maravillosa como en portugués. Desde luego, he procurado que su carácter – él de la traducción – se aparte del de las traducciones francesa e inglesa. Quiero una traducción poética como el original, y no prosaica. Por lo demás, no he encontrado demasiadas dificultades: el espíritu del relato y el idioma empleado en él me han envuelto com facilidad.(...)*

*Tengo pasado a limpio la mitad de la traducción. Así es que le envío una breve lista de las palabras que, en esa mitad, no he podido interpretar, aunque de algunas tendo mis*

*sospechas. Claro está que me abré equivocado en otras pero pienso que sin perjuicio de la fidelidad a la substancia del asunto. (...)*

*Le repito que estoy entusiasmado com la traducción: y haverá usted de qué palabras castellanas tan sabrosas y vivas he tenido que hechar mano para **to translate**. También verá usted que algunas de sus palabras regionales y obsoletas son igual de regionales y obsoletas en castellano. Espero, de verdad, que le guste mi traducción. (...)*

Essas listas não são longas. Em 8 de março de 66, Guimarães Rosa responde ainda a outras dúvidas que Ângel Crespo lhe pusera por carta com previsão de espaço para Guimarães inscrever a informação solicitada. Guimarães toma nessa mesma página as primeiras notas, mas elabora em outra folha respostas mais completas para serem enviadas ao tradutor,<sup>4</sup> até que em 21 de fevereiro de 67 vem a reação à obra já terminada e impressa:

*Escrevo-lhe na maior emoção, alegria, depois de ler o nosso livro, do qual a Editora me enviou por via aérea o primeiro exemplar. Creia, a cada página, cada linha, pulam em mim, mais altas, a enorme admiração e gratidão – pelo fabuloso, formidável Tradutor. (...) vejo que Você traduziu o livro como se fosse obra sua, própria, num arranco inteiro de poesia, com força completa e feroz amor. Seu poder é mágico, Ângel Crespo, no ímpeto e na finura, no denso e no sutil, em cintilação de faces e âmbito de profundura. Enfim, faltam-me as palavras, para louvar, aplaudir e agradecer. (...)*

*P.S. De toda a leitura, se Você me perguntar, diria que só uma expressão, nas centenas de páginas, me agradou menos: aquele “El agua caía, **a cántaros** (p. 65) = pelo “às despejadas”, original. Vê?*

## A VIAGEM DE ÂNGEL CRESPO AO BRASIL

Entre 64 e 67, marcos temporais da tradução para o castelhano de **Grande sertão** – ou seja, período que vai dos primeiros entendimentos à publicação da obra na Espanha – inscreve-se a viagem de Ângel Crespo e Pilar G. Bedate ao Brasil, já mencionada. Em seu depoimento, Pilar, ao focalizar o primeiro encontro de ambos com Guimarães Rosa no Itamarati, onde voltariam muitas vezes, lembra vivamente:

<sup>4</sup> (...) Agora, respondendo às perguntas:

duro-do-brejo (p. 374, l.16) – é o nome de um capim, áspero, que cresce na beira dos pântanos; capim bravo, gramínea selvagem.

Banglafumém (p. 378, l.1) – é o mesmo ‘banga-la-fumega’, que está nos dicionários; quer dizer = João-ninguém, indivíduo sem valor nem importância, sujeito à-toa, legalhé, mequetrefe, borra-botas. (É termo muito regional, do interior bruto).

Lirilé (p. 491, l.36) – palavra puramente interjectiva, interjeição de reforço (tirada dos estribilhos de cantigas: larilá... lará... olerê...).

luiz cacheiro = é o mesmo ouriço-cacheiro, ou ouriço, animal. (p. 498, l.35)

bilistocas – como ‘bonecas’ = mulherzinhas graciosas, alegres. (p. 517, l. 36)

crondeubais – (p. 504, l.3) = carnaubais. (Crondeúba é corruptela sertaneja de ‘carnaúba’, a palmeira. Crondeubais = são os palmares de carnaúbas).

uruburetams (p. 519, l. 25) – refúgios de urubus, lugares onde os bandos de urubus fazem ninho e chocam.

falfa (p. 548, l. 18) – estafa, esalfamento, cansaço excessivo.



(...) *aquel senõr de unos 50 años corpulentos, de traje oscuro y corbata de lazo, pelo liso muy peinado acá atrás, ojos chispeantes trás las gafas de montura negra y sonrisa luminosa que acogió a Àngel abriendole los brazos como si fuera un hijo pródigo recibido com gozo después de larga espera. (...)*

*Ojalá recordase yo ahora las cosas que Guimarães y Àngel se dijeron en aquel primer encuentro del que fuí oyente casi muda. Fueron los dos inmediatamente al grano sobre la materia del sertón. Guimarães sacó de un cajón de su escritorio un fragmento de la traducción que Àngel tenía en marcha, que le había enviado desde Madrid, y la elogió sin reservas asegurando magnánimamente que estaba quedando mejor que el original.*

E Pilar continua narrando que Àngel declarou então sua familiaridade com o mundo dos vaqueiros, dos peões, dos cavalos e das reses bravas porque, desde a infância, tinha passado muito tempo numa fazenda de família onde se criavam touros de lida. E que, além disso, a fala popular de sua terra não lhe parecia muito distante, nos seus recursos, da fala do sertão:

(...) *porque en su pueblo as las mujeres que se llamaban Flavianas las llamabann **Felovianas** a los tractores, **trastores** y a los peatones, **peonatos**. “Las vulgarizaciones lingüísticas siguen leyes universales y la gracia consiste en escoger las que tienen furza poética y potenciar las evocaciones en el contexto”, venían a decir uno y outro de los interlocutores, pero lo decían de una manera llana, como quien no tiene deseo de teorizar sino de alargar la mano y coger la fruta del árbol cuando está madura. Guimarães sacó de outro cajón de su escritorio outra carpeta en la que guardaba recortes de prensa que se referían a él y se los fué enseñando a Àngel uno tras outro, desplegando sus dobleces y haciéndole fijarse en los titulares: “Mire aquí, Àngel, aquí dice que Guimarães Rosa...” “Y mire éste lo que dice de Guimarães Rosa...” (...)*

*Íbamos atravesando la sala hacia la puerta y, de repente, antes de abrirla [G. R.] retuvo a Àngel por el brazo y le preguntó de sopetón: — “Un momento, Àngel, usted cree en el diablo?” — “A veces” le contestó Àngel mirándole com sonrisa de complicidad. Y a Guimarães pareció quitársele de encima un peso que le hubiera oprimido de repente. Abrió la puerta y nos acompañó por la antesala, donde llamó a la secretaria: — “A los señores siempre que vengan, que pasen, son de casa”.*

*Volvimos com frecuencia, mientras estuvimos en Río, y se repetía la cordialidad, los cafelitos, el despliegue de recortes de prensa sobre Guimarães Rosa que éste archivaba y regalaba a Àngel comentándoselos. Se repetía la irradiación de sentimientos gozosos que cargaban el ambiente y Àngel solía decirme, y solía decir luego cuando hablaba de él: Guimarães Rosa es como un obispo bueno, habla en tercera persona de sí mismo en lugar de en plural pero hace el mismo efecto, y además le da a uno su bendición **urbi et orbi**, como el Papa.*

A viagem ao sertão, sem carro e com os poucos recursos que a bolsa recebida por Àngel facultava, teve de resumir-se a atravessá-lo, de ônibus, entre Belo Horizonte e Brasília onde iriam fazer umas conferências.

E efetivamente partiram de Belo Horizonte onde, como diz Pilar, tinham sido generosamente recebidos por Affonso Ávila e Laís Correa de Araújo. Depois de muitos quilômetros avariou-se o ônibus e o motorista os avisou que teriam de estar

ali durante várias horas até que viesse de longe a peça estragada. E ela relembra que, perguntando ao motorista se podiam descer, Àngel Crespo exultava: “estamos en el sertón Pilar”, e enveredaram então por um caminho em declive até que encontraram uma casa “donde salió una mujer de edad indefinida” que começou a fazer-lhes o relato de sua vida de solidão, mencionando inclusive a partida de uma filha para Corinto. Ofereceu-lhes para comer o que tinha: frango assado com farinha crua como acompanhamento. “La mujer”, acrescenta Pilar, “hablaba como un libro com el lenguaje colorido de Guimarães que Àngel encontraba siempre perfectamente comprensible”.

Conta ainda que, depois de se despedirem, Àngel Crespo lhe dissera: “Te das cuenta de que há hablado de Corinto? Esto no es una casualidad, que el autobus se haya parado aquí”.

Atravessaram novamente a estrada e foram do outro lado a uma venda de chão de terra batida onde um sertanejo lhes perguntou de onde vinham. Continuo a citar textualmente:

*De Belo Horizonte, pero somos españoles. — Españoles? Y cómo han venido hasta aquí?*

*Mientras hablábamos, a requerimiento de Àngel, el hombre nos había servido aguardiente de una de las botellas llenas de líquido transparente y hierbas de distintas ramificaciones, y Àngel lo paladeaba y lo elogiaba. — Que **cachaça**, Pilar!, esto sí que no esperabas tú, beber **cachaça** en el sertón, como si fueras un Diadorim sin disfraz! (...) Àngel había confraternizado en seguida com los sertaneros y, vasito tras vasito, les iba contando toda nuestra aventura vital: que estábamos enamorados y que queríamos vivir juntos, pero que en España no había desquite ni divorcio possible y que a él le gustaría encontrar un trabajo y que nos quedásemos en el Brasil, que nos gustaba mucho. — “Y qué es lo que usted hace?”, preguntaba el del guardapolvo poniéndolo una mano en el hombro pues para entonces ya nos habíamos sentado alrededor de una mesita baja. — “Soy escritor, y podía ser profesor de español”. — “De español? Y por qué no de portugués? Usted sabe portugués y aquí nos vendría bien, en los caseríos de alrededor se juntan doce o catorce criaturas que no saben ni leer ni escribir, y hasta a las personas mayores podría usted enseñar”.*

Rememorando a tentação de Àngel de ali ficar (“Nos quedamos. Menudo sitio para terminar la traducción del **Gran Sertón**, esto no és una casualidad, Pilar”) e a sua resistência, com os pés fincados na realidade, relata que mais tarde muitas vezes ele haveria de dizer: “Quién sabe lo que hubiera pasado si no me hubiese dejado convencer por ti!”.

Das fontes que consultamos para por em ata a fábula desse encontro especialíssimo que é sempre o do autor com aquele que o traduz, ficam-nos vivos: o sentido de uma cooperação confiante e entusiasmada entre ambos; a adesão apaixonada de Àngel Crespo pela obra de Guimarães que tão admiravelmente traduz, como o fará depois com Fernando Pessoa cujo **Livro do desassossego** por ele traduzido terá 11 edições em curto espaço de tempo, ou com a **Divina Comédia**, largamente pre-

miada, na Itália e na Espanha. Por isso mesmo, quando Guimarães Rosa celebra a tradução de **Grande sertão** chamando-a, como vimos, de “nossa” obra, não se tratava efetivamente de um floreio de diplomata, pois foi com estudo e intuição que o poeta Ángel Crespo poeticamente levou este romance maior do grande escritor que aqui hoje celebramos aos *hispanoablantes* de todo o mundo.

#### ABSTRACT

This paper brings relevant elements to the history of the translation of Guimarães Rosa's literary works. It deals specifically with the translations by Ángel Crespo to the Spanish language, giving notice of the dialogue between the two writers. Their unpublished correspondence held at the Instituto de Estudos Brasileiros (USP) together with a memoir of Crespo's widow, Pilar Gomez Bedate (about their trip to the “sertão” in 1965) and a page of the translator's also unpublished diary contribute to a better knowledge of the relationship between author and translator.